

# Manuel Bandeira – Crepúsculo de outono

O crepúsculo cai, manso como uma bênção.  
Dir-se-á que o rio chora a prisão de seu leito...  
As grandes mãos da sombra evangélicas pensam  
As feridas que a vida abriu em cada peito.

O outono amarelece e despoja os lariços.  
Um corvo passa e grasna, e deixa esparso no ar  
O terror augural de encantos e feitiços.  
As flores morrem. Toda a relva entra a murchar.

Os pinheiros porém viçam, e serão breve  
Todo o verde que a vista espairecendo vejas,  
Mais negros sobre a alvura inânime da neve,  
Altos e espirituais como flechas de igrejas.

Um sino plange. A sua voz ritma o murmúrio  
Do rio, e isso parece a voz da solidão.  
E essa voz enche o vale... o horizonte purpúreo...  
Consoladora como um divino perdão.

O sol fundiu a neve. A folhagem vermelha  
Reponta. Apenas há, nos barrancos retortos,  
Flocos, que a luz do poente extática semelha  
A um rebanho infeliz de cordeirinhos mortos.

A sombra casa os sons numa grave harmonia.  
E tamanha esperança e uma tão grande paz  
Avultam do clarão que cinge a serrania,  
Como se houvesse aurora e o mar cantando atrás.

**Manuel Bandeira, A cinza das horas**